

seminários um programa educativo sobre o Holocausto, com o intuito de aproveitarmos as lições do passado construtivamente, para promover a compreensão e a harmonia. Se unidos compreendemos o fascismo e o genocídio, não permitiremos que as pragas de ontem voltem a assolar o mundo.

Número 2: devemos organizar anualmente uma enérgica comemoração conjunta do Holocausto, usando a oportunidade não só para relembrar a *Shoá*, como também

para analisar os problemas do presente e tomar as precauções necessárias para evitar uma nova calamidade no futuro.

Muito obrigado.

Rabino Henry I. Sobel é Grão Rabino da Congregação Israelita Paulista e Coordenador da representação judaica da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico

COMO FALAR DE DEUS CINQUENTA ANOS DEPOIS DO HOLOCAUSTO

REFLEXÕES DE UMA CATÓLICA

Dr.^a Maria Clara Lucchetti Bingemer

Em tempos de “celebração” dos cinquenta anos do maior genocídio de que a história da humanidade tem notícia, - o extermínio de vários milhões de judeus realizado pelo nazismo na segunda guerra mundial - a teologia cristã não pode estar ausente. Trata-se de uma “celebração” grave e cheia de perplexidade e horror, que é importante manter viva para não esquecer. Uma “celebração” na qual estão em jogo não só a história e a identidade do povo de Israel, mas de toda a humanidade. Uma “celebração” indignada mais que nunca, não só pela memória da data que transcorre e do conteúdo que a preenche, como também pela atitude revisionista que parece estar em curso e que propõe o esquecimento dos horrores praticados pelo nazismo. E, mais ainda, o ressurgimento do Nazismo em países que pelo menos historicamente se dizem cristãos.

A teologia cristã e, em nosso caso, mais propriamente católica, se inclina com respeito e reverên-

cia ao fazer memória de todas as vítimas deste evento e repete para si a pergunta já feita por tantos teólogos: Como falar de Deus depois de Auschwitz? Como falar de Deus diante daquilo que o holocausto inaugurou, ou seja: uma nova era em termos das coisas de que o ser humano é capaz? Os agentes que perpetraram o holocausto se apoderaram e levaram a cabo uma radicalização do aspecto destrutivo da capacidade humana. Ao fazê-lo, desafiaram muitas noções antropológicas que o Cristianismo fundamentava na revelação herdada em grande parte do Judaísmo. Levaram adiante uma concepção de ser humano que até o último grau dava testemunho de emancipação aonde a ciência e a tecnologia modernas podiam chegar independizadas de uma ética ou - mais ainda - do Deus que é o Princípio e Fundamento desta ética¹.

No dizer de teólogos cristãos, católicos ou não, a questão de Deus, que é a questão teológica mais fundamental, também sofre

1. Cf. J. PAWLIKOWSKI, O holocausto e a cristologia contemporânea, in *Concilium*, 195 (1984 / 5), pp 62-63.

profunda interpelação depois do holocausto. O impacto deste evento de proporções tão tremendas não pode deixar passar impune o fato de que muitas pessoas digam: "Creio em Deus!" Após o holocausto, essa profissão de fé pede explicações e explicitações e delinea um caminho para toda reflexão teológica séria².

As questões que se colocam em termos antropológicos e éticos são fundamentais: até onde pode ir a capacidade humana de destruir mortalmente seu semelhante? Até onde pode chegar a orgulhosa autonomia humana que desejava realizar seus sonhos de poder e de domínio não hesitando para isto em exterminar sistemática e deliberadamente Aqueles seus semelhantes sob a consigna da construção de uma raça superior? Porém a questão que se coloca em termos propriamente teológicos é ainda mais radical e básica: Como falar de Deus após Auschwitz? Como crer num Deus criador e libertador, num Deus que é princípio de vida, após os crimes contra a humanidade cometidos durante a segunda guerra mundial? Como reafirmar a fé em Deus quando tudo é morte e o silêncio divino a tudo

perpassa? Como cantar ao Senhor diante da morte do inocente? Como professar a fé em Deus quando vivemos uma nova era, em que a combinação dos progressos tecnológicos, crescimento burocráticos e enfraquecimento das restrições morais tradicionais se aglutinaram fazendo com que a destruição em massa seja uma possibilidade sempre presente?³.

Muitos cristãos - teólogos ou não - têm se defrontado com esta pergunta após a guerra que questionou as próprias raízes da identidade humana. Como fazer teologia se o objeto mesmo do pensar teológico parece fugir entre os dedos e escapar ante os olhos horrorizados que só conseguem enxergar as vítimas do horror que varreu o mundo de ponta a ponta? A teologia cristã se transforma então em busca humilde e expectante, buscando enxergar através do véu de sangue e fumaça do holocausto o rosto d'Aquele que é sua fonte e objeto de seu pensar e seu dizer.

Jürgen Moltmann - entre outros - luta com esta questão e a ela responde mergulhando a busca e o encontro no fundo mais profundo do sofrimento humano. O Deus de Israel, o Santo, aceita não somen-

te a situação da criatura limitada, mas igualmente a da criatura culpada e sofredora. Seu lamento e tristeza por Israel no exílio mostram que toda a existência desse Deus com seu povo existe e subsiste no sofrimento.

Fundamentalmente solidário, o Deus de Israel não pode esquecer-se dos sofrimentos de seu povo e por isso acompanha com sua "shekinah" para onde quer que este povo vá ou seja levado pela ira dos inimigos: o exílio da Babilônia, a saída do Egito, etc. Compartilhar os sofrimentos de seu povo é a via que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó encontra para compartilhar sua redenção. Sua aliança com Israel é de tal nível de profundidade que Deus mesmo é o resgate de Israel e não se pode encontrá-lo a não ser em meio à dor que seu povo vive e sofre.

Em seu livro "O Deus Crucificado", Moltmann trabalha com essa pergunta: "Onde está Deus enquanto se perpetraram os horrores do nazismo?" E, em meio a sua reflexão, cita uma impressionante passagem de E. Wiesel que ilustra de maneira profunda o que aqui procuramos dizer:

"A SS enforcou dois homens judeus e um jovem diante de todos os internos no campo. Os homens

morreram rapidamente, a agonia do jovem durou meia hora. 'Onde está Deus? Onde está?' perguntou alguém atrás de mim. Quando depois de um longo tempo o jovem continuava sofrendo, pendurado na forca, ouvi outra vez o homem dizer: 'Onde está Deus agora' E em mim mesmo escutei a resposta: 'Onde está? Aqui ... Está ali pendurado no patíbulo...'⁴.

Onde mais poderia estar Deus quando o inocente sofre, quando a vida do justo é sufocada mortalmente, quando os jovens e as crianças têm seus dias reduzidos pela loucura desenfreada do ódio e da insânia? E Moltmann continua: "Qualquer outra resposta seria uma blasfêmia ... Falar aqui de um Deus impassível o converteria num demônio. Falar aqui de um Deus absoluto o converteria em um nada destruidor. Falar aqui de um Deus indiferente, condenaria os homens à indiferença"⁵.

A teologia é, portanto, pedagogicamente introduzida e - ousaríamos dizer, arrastada - pelo evento do holocausto de milhões de homens e mulheres judeus ao coração do mistério do sofrimento sem sentido para daí tirar conseqüências de tais experiências do sofrimento de Deus naquilo que humanamente não tem resposta nem senti-

2 Cf. D. TRACY, Religious values after the Holocaust. A catholic view, in A.J. PECK (ed), *Jews and christians after the holocaust*, Fortress Press, Filadélfia, 1982, pg 101, cit. em J. PAWLIKOWSKI, op. cit., pg 63

3. J. PAWLIKOWSKI, op. cit., pg 71.

4. Cf. J. MOLTSMANN, *El Dios Crucificado*, Salamanca, Sígueme, 1973, pg 393.

5. Ibid.

do. Depois de Auschwitz, a teologia cristã se dá conta, contrita e agradecida, que não lhe é mais permitido falar de Deus ajudando-se apenas os predicados gregos da impassibilidade, imutabilidade, onipotência, onisciência e onipresença. Mas humildemente é constringida a pensar e falar sobre a vulnerabilidade de Deus, sua "kenose" e auto-humilhação, sua compaixão, sua impotência que é a única via de revelação de sua divindade e seu poder.

O *pathos* do Deus de Abraão, Isaac e Jacó, o *pathos* do Deus de Israel que é o *pathos* do Deus do cristianismo passa a ser o centro das preocupações e o alvo do olhar contemplativo da teologia que se dispõe a refletir a imersão de Deus na história e nos negócios humanos, assim como o mistério mesmo de Seu Ser infinito. Não se trata de uma nova "idéia" de Deus, mas - depois do holocausto - de uma nova "situação de Deus", da qual a fé participa com toda intensidade e ardor.

Vivendo e padecendo a experiência desta fé, muitos homens e mulheres se dispuseram a oferecer-se a si mesmos e às suas vidas a fim de dar testemunho desse Deus que é o objeto maior de seu amor. Aqui gostaríamos de citar o testemunho jovem e tocante de uma só

destas testemunhas: Etty Hillesum, uma jovem judia de 29 anos que, no auge de sua juventude e no bojo de uma intensa experiência espiritual, se apresenta voluntariamente ao campo de concentração de Westerbok a fim de "ajudar a Deus e salvar seu povo"⁶.

Para Etty, mergulhar no mais profundo do mal e do sofrimento absurdo de seu povo é inseparável da experiência profunda do Deus de sua fé que a ela se revela intimamente e de maneira amorosa e irresistível. Colaborar com Deus significa para ela sofrer o sofrimento que naquele hediondo momento atingia seu povo e se perpetrava em todos os lugares do mundo. É assim que ela diz pouco antes de ir para o campo: "Antecipar: Não conheço um verdadeiro equivalente em holandês. Desde a noite passada tenho estado tentando assimilar apenas um pouco do sofrimento que tem que ser suportado em todos os lugares do mundo. Conformar-me com apenas um pouco da tristeza que o próximo inverno nos reserva. Não pude fazê-lo. Hoje será um dia duro; ficarei na cama quieta e tentarei "antecipar" algo de todos os dias duros que estão por vir. Quando sofro pelos vulneráveis, não é pela minha própria vulnerabilidade que sofro?"⁷.

A vulnerabilidade de Etty e de tantos que, como ela, encontraram a morte nas câmaras de gás nos campos de concentração do nazismo dá testemunho antes de mais nada da vulnerabilidade do próprio Deus que diz ao povo eleito que, mesmo no bojo do sofrimento mais atroz, não esqueceu e não o esquecerá. Tornar-se vulnerável com e em meio à vulnerabilidade humana é o caminho que esse Deus encontra para estar presente quando o mal parece ganhar terreno inexoravelmente. E é assim e aí que esse Deus se mostra Salvador mais que nunca, revelando-se às suas criaturas quando tudo parece desmentir sua existência.

Etty Hillesum diz em seu diário, já bem próxima da data de sua ida para Auschwitz:

"Quando lembro dos rostos daqueles pelotão de guardas armados de uniforme verde - meu Deus, que rostos! Olhei para eles um de cada vez, por detrás da segurança de uma janela, e não fiquei jamais tão amedrontada de algo em vida do que daqueles rostos. Cai de joelhos com as palavras que presidem a vida humana: 'E Deus fez o homem à sua semelhança'. Essa passagem passou comigo uma difícil manhã"⁸.

Possam essas palavras de Etty Hillesum iluminar-nos hoje, cinquenta anos depois, a judeus e cris-

tãos que são desafiados a testificar diante do mundo que Deus fez realmente o homem à sua imagem e semelhança. E que todo crime contra a imagem é crime contra Aquele que é seu autor e criador.

Hoje, recordando e fazendo memória destes holocaustos e imolação de todo um segmento do gênero humano, a teologia cristã se compreende como possível apenas porque foi possível "a recitação do Sch'ma Israel e da oração do Senhor rezados mesmo em Auschwitz. Deus estava em Auschwitz e em todos os outros campos de concentração sofrendo com os martirizados e assassinados. Qualquer outra resposta seria blasfêmia. O Deus da ação e do êxito nos levaria a esquecer os mortos que não podemos nem devemos esquecer"⁹.

Hoje como ontem só pode ajudar-nos o Deus vulnerável que liberta entrando na história e partilhando o destino do seu povo. Um Deus que fala alto em criaturas que, como Etty Hillesum, livremente se entregam e prontificam ao desejo de "ser um bálsamo para todas as feridas"¹⁰.

Dra. Maria Clara Lucchetti Bingemer
é Professora de Teologia na PUC / RJ
Pesquisadora no IBRADES e no Centro
Loyola de Cultura e Fé - RJ.

6. E. HILLESUM, *Uma vida interrompida*, RJ, Record, 1981, pp 220 ss

7. Ibid pg 226-227

8. Ibid pg 241

9. Cf. J. MOLTMANN, op. cit., pg 9, cit in J. PAWLIKOWSKI, op. cit., pg 67

10. E. HILLESUM, op. cit., pg 227